

Pedestal ao divino Augusto, de Olisipo, reencontrado

Catarina Quinteira*, José d'Encarnação**

Resumo: *No decorrer do acompanhamento arqueológico de uma obra na cidade de Lisboa, reencontrou-se, em Outubro de 2009, reaproveitado como pia, o pedestal de mármore dedicado ao Divino Augusto por dois augustais (CIL II, 182).*

Résumé: *Au cours de l'accompagnement archéologique d'une réhabilitation édilitaire à Lisbonne (Olisipo), on vient de découvrir (Octobre 2009), en réutilisation en tant que réservoir d'eau, le piédestal en marbre dédié Divo Augusto par deux Augustales, connu depuis longtemps (CIL II, 182).*

Palavras-chave: *Olisipo, culto imperial, Divus Augustus, augustales*

Mots-clé: *Olisipo, culte imperial romain, Divus Augustus, augustales*

Na obra de requalificação do edifício sito no Largo do Contador-Mor, nºs 3 e 4, na cidade de Lisboa, freguesia de Santiago, quando se retiravam cantarias, que seriam para reaproveitar no novo espaço habitacional e que, até então, ornamentavam o pátio interior de uma das casas de habitação, mais propriamente na ala noroeste do edifício, ao recolher-se um tanque, que se encontrava adossado às paredes noroeste e sudeste desse compartimento (fig. 1), verificou-se que se conservava intacta, na sua base, uma epígrafe de época romana.

* Arqueóloga e investigadora do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (CEAUCP). Frequentou com aproveitamento o Mestrado em Arqueologia Regional da Universidade de Coimbra (2004-2006), tendo em fase de conclusão a respectiva dissertação, intitulada «Aglomerados Urbanos Secundários da *Civitas* de *Pax Iulia*: Nossa Senhora de Aires». c_quinteira@hotmail.com

** Professor catedrático aposentado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Esta nota insere-se na linha de investigação «Epigraphy and Iconology of Antiquity and Medieval Ages» do mesmo CEAUCP, linha de investigação de que é o responsável. jde@fl.uc.pt



Fig. 1. Local de achado do pedestal

Sendo por completo perceptível a sua leitura, fácil foi identificar a inscrição com a que praticamente todos os autores que tratam sobre Lisboa romana citam desde tempos antigos¹. Não havia, porém, uma descrição da sua tipologia, ainda que se suspeitasse de que se tratava de uma «lápide quadrada», como escreve José Manuel Garcia², que indica como local de achado do monumento «junto da igreja de Santiago», o que o achamento ora veio corroborar.

Trata-se, pois, de um pedestal (fig. 2), de mármore rosado (provavelmente de S. Domingos de Rana), cujas faces se apresentam de forma rectangular com topo e base levemente em jeito trapezoidal, devido, sem dúvida, aos acertos feitos aquando da sua reutilização para tanque³. Não há qualquer molduração. A face epigrafada apenas sofreu, junto à aresta lateral direita, os efeitos da erosão provocada por infiltrações, fazendo desaparecer uma das letras, que, no entanto, se reconstitui sem dificuldade, até porque, como se disse, a epígrafe nunca ofereceu dúvidas de leitura.

Guarda-se, temporariamente, no momento em que redigimos esta nota (Outubro de 2009), no local de achado, sendo presumível que venha a dar entrada, por doação, num dos museus da cidade de Lisboa.

1. Por exemplo: *CIL* II, 182 = *ILER* 1033; J. LEITE DE VASCONCELOS, *Religiões da Lusitânia*, III, Lisboa 1989 (reimp.), p. 325; A. VIEIRA SILVA, *Epigrafia de Olisipo*, Lisboa, 1944, pp. 182-184, n.º 74.

2. J.M. GARCIA, *Religiões Antigas de Portugal, Aditamentos e Observações às «Religiões da Lusitânia» de J. Leite de Vasconcelos: Fontes Epigráficas*, Lisboa 1991, p. 465, n.º 481.

3. Aliás, é visível, numa das faces, o respectivo canal de escoamento (fig. 1). É antiga a fractura do canto observável na fotografia.



Fig. 2

Dimensões: 118 × 112 × 60.

DIVO · AVGVSTO / C(aius) · ARRIVS · OPTATV[S] / C(aius) · IVLIVS ·
EVTICHVS / AVGVSTALES

Ao divino Augusto – Gaio Árrio Optato, Gaio Júlio Eutico, augustais.

Altura das letras: l. 1: 11,1/11,7 (I = 12, O = 6,7); l. 2: 8/8,2 (P = 8,5, S = 7,8); l. 3: 7,7/8,0 (S = 8,3); l. 4: 9,4/9,7 (A = 9,3, L = 9,8). Espaços interlineares: 1: 10; 2: 3; 3: 3,1; 4: 3,18; 5: 60.

Paginação segundo um eixo de simetria; pontuação de tipo triangular e correctamente utilizada. A gravação foi feita não com badame (de facto, à primeira vista, as letras parecem estar cortadas em bisel) mas com goiva: atente-se, por exemplo,

no rasgo dos RR, que é arredondado. Trata-se, porém, de uma gravação muito cuidada, em perfeita monumental quadrada, onde seguramente houve prévias linhas de pauta, sendo de registar também o diferente módulo dos caracteres: DIVO AVGVSTO está, naturalmente, em módulo maior.

Datável, como se compreende, de pouco depois da divinização de Augusto –que morreu no ano 14–, o monumento testemunha, por intermédio desta iniciativa de dois dos augustais do município olisiponense, o apego da elite local à família imperial, dado tanto mais sintomático quanto não são muitas as iniciativas idênticas levadas a cabo, por exemplo, em território peninsular e quando verificamos que esta dedicatória se pode aproximar da homenagem prestada, na capital provincial, Mérida, pelo flâmine provincial Albino⁴.

Reservando para outra oportunidade um comentário mais desenvolvido sobre o monumento –o que ora nos interessava era dar a conhecer rapidamente o seu reaparecimento⁵– não podemos, no entanto, deixar de realçar o facto de se tratar, seguramente, de um pedestal com alguma imponência, destinado, verosimilmente, a ser colocado no templo do fórum municipal. Aliás, essa foi uma assaz curiosa batalha que Luís Marinho de Azevedo se não eximiu a travar:

«E contra a opinião de haver denegado Octaviano a nossos Lisbonenses a faculdade de levantar-lhe templo dedicado à sua falsa divindade, temos três pedras, que o confirmam com historiadores que o dizem. A primeira esteve na igreja de Santiago desta cidade e é célebre entre muitos autores que dela trataram, a qual continha a inscrição seguinte [...]» –e dá o texto, sobre ele se espalhando em variadas considerações⁶. Verifique-se também que Leite de Vasconcelos (*loco citato*) escreve peremptoriamente, a este propósito, sem aduzir argumentos, decerto por lhe parecer afirmação lógica: «Deve entender-se que estava num templo».

Uma última palavra para, mais uma vez, se sublinhar a importância do acompanhamento arqueológico de obras em cidades de mui vetusta ocupação: quando menos se espera, num canto esconso ou numa parede, lá surge um letreiro antigo a dar-nos informações preciosas!

4. Cf. o registo nº 21 492 de <http://www.eda-bea.es/> –com a principal bibliografia.

5. E agradecemos ao Prof. Marc Mayer a gentileza de prontamente ter acolhido esta breve nota na sua revista.

6. L. Marinho de Azevedo, *Fundação, Antiguidades e Grandezas da Mui Insigne Cidade de Lisboa* [...], Lisboa 1753, II parte, p. 36-38.